

## Revisitando o filme *Colegas* (2013) pelo viés da cidadania comunicativa down<sup>1</sup>

Felipe COLLAR BERNI<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS  
Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT

### RESUMO

Dez anos após seu lançamento, voltamos o olhar para o filme *Colegas*, obra brasileira pioneira no protagonismo de atores com síndrome de Down, para tensionar a cidadania comunicativa desde a construção do *Outro(a)*. Assim, a partir de uma análise fílmica, destacamos elementos mobilizados pela peça que atravessam a construção da identidade e do exercício da cidadania de pessoas com síndrome de Down. Nota-se que perspectivas emancipatórias são trazidas pelo filme. Autonomia, desejo, sexualidade, humanização são alguns dos atributos repercutidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidadania comunicativa; síndrome de Down; processos midiáticos; *Colegas*.

O filme *Colegas* (2013), dirigido por Marcelo Galvão, embora já atravessasse mais de uma década desde o seu lançamento, perdura como importante obra comunicacional por suas diferentes qualidades. Por hora, destacamos sua vanguarda no cinema brasileiro em assumir como personagens protagonistas da história pessoas com síndrome de Down (SD). Propomos aqui um exercício reflexivo: tensionar a cidadania comunicativa Down pelo viés da “representação fílmica”. Esse movimento situa-se numa empreitada maior, desbravar e configurar a própria cidadania comunicativa de pessoas com síndrome de Down na sua multidimensionalidade. Pensando os usos e apropriações, os “fazer comunicacionais” e, também, a “representação” midiática.

Recuperar a primeira peça cinematográfica que apresenta sujeitos(as) com SD como núcleo central da história e a partir da sua narrativa desenvolver uma análise fílmica (AUMONT; MARIE, 2010) nos leva a compreender de que maneira feições e camadas de sentidos, identidades, estigmas e/ou elementos valorativos da cidadania foram mobilizados e postos em circulação através do cinema e dos *streamings*. E ainda, de que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pelo PPGCC/Unisinos. Bolsista financiado pela CAPES. Participa do grupo de pesquisa PROCESSOCOM (Unisinos/CNPQ). Professor substituto do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), email: [felipecollar@gmail.com](mailto:felipecollar@gmail.com)

maneira o filme *Colegas* se apresenta como aliado numa representação outra daquelas hegemonicamente mobilizadas pela mídia.

Por bem, recuperamos a compreensão que ilustra nosso entendimento sobre *cidadania comunicativa*. María Cristina Mata (2006) apresenta um entendimento oportuno para a conceituação: caminha para o reconhecimento da capacidade do indivíduo de ser sujeito(a) de direito, de demanda e de decisões no que se refere à comunicação, ou seja, compreende a necessidade da adesão de novas vozes no debate/produtos/processos, tornando-o plural e sustentando/ampliando direitos já conquistados. Posicionamos a cidadania comunicativa como uma estratégia política no campo da comunicação visando eliminar a cultura autoritária/hegemônica e os processos que geram marginalização e exclusão das pessoas. Mata (2006), também, avança na construção indispensável em se perceber maneiras dos cidadãos em serem vistos no espaço midiático, para a partir dali analisar quais as representações que a mídia constrói em relação à cidadania e à forma que se auto-representa como um espaço democrático; ou seja, “como espaços de visibilidade e produção de direitos e deveres” (MATA, 2006, p. 08, tradução nossa).<sup>3</sup> Repercute aqui o processo de construção e exclusão da *alteridade deficiente* (SKILAR, 2015) construído, também, através dos processos midiáticos e comunicacionais.

A alteridade do outro permanece como que reabsorvida em nossa identidade e a reforça ainda mais; torna-a, se possível, mais arrogante, mais segura e mais satisfeita de si mesma. A partir deste ponto de vista, o louco confirma e reforça nossa razão; a criança, nossa maturidade; o selvagem, nossa civilização, o marginal, nossa integração; o estrangeiro, nosso país; e o deficiente, a nossa normalidade (LARROSA; PÉREZ DE LARA, 1998, p. 08 apud SKILAR, 2015, p. 18).

Compreender os produtos comunicacionais como espaço de exercício da cidadania comunicativa, inclusive pelo processo de veiculação e circulação de sentidos, imaginários e identidade. Ou seja, temos os processos midiáticos como fazedores de sociabilidade e de (auto)representação, delegando a partir de narrativas hegemônicas “onde” e “como” grupos sociais minoritários podem ser cidadãos. Narrativas pensadas e construídas desde o ideal emancipatório, alicerçam a cidadania comunicativa como espaços no qual PCDs tecem novas relações com o mundo e o outro.

---

<sup>3</sup> Do original: “como espacios de visibilización y producción de derechos y deberes”.

Sinalizado algumas compreensões que sustentam nosso exercício, privilegiamos destacar elementos/narrativas/sentidos em relação à SD, que foram mobilizados para construir o filme.<sup>4</sup>

*Colegas* conta a história de três jovens, Stallone (Ariel Goldenberg), Aninha (Rita Pokk) e Márcio (Breno Viola), que vivem num instituto para pessoas com a síndrome. Os três têm sonhos e decidem fugir e ir para a estrada para torná-los realidade. A “fuga” é motivada pela audiência do filme *Thelma & Louise (1991)* cujas protagonistas cansadas de suas vidas abandonam tudo e saem sem destino pelo mundo. A relação de Aninha, Márcio e Stallone com o cinema é um primeiro fator de destaque, são eles os responsáveis por cuidar da videoteca do instituto e é através dos filmes que constroem, também, relações outras com o mundo. Além do aspecto da responsabilidade, a partir da delegação de um “serviço” (cuidar da videoteca), ou seja, de uma funcionalidade, pela lógica sociedade capitalista enxerga seus membros, há ainda a valorização da autonomia e disposição da pessoa com síndrome de Down de buscar realizar seus sonhos. O ato de “fugir” do instituto ressoa as clausuras sociais que as SD enfrentam, muitas vezes, por delegação do outro (família, escola, comunidade etc.). Ainda pensando autonomia, observamos imagens representativas e que colocam outros sentidos aqueles hegemonicamente mobilizado midiaticamente e socialmente: a condução de automóveis por uma pessoa com síndrome de Down; viagens de ônibus sem a companhia de um tutor; a ida a um outro país sozinhos; e a exploração do amor e sexualidade.

O filme constrói diversas passagens poéticas que repercutem a autonomia de maneira muito sutil e sensível. Em uma das cenas, a personagem Aninha solta um pássaro que estava numa gaiola, ao afirmar não gostar de ver nenhum animal preso. É uma fala reivindicatória. Momentos de aventura também são trazidos: o processo de enfrentar o desconhecido oceano; o primeiro pescado; momentos de flertes amorosos; a viagem à Argentina.

O arquétipo da “banditagem” é mobilizado, na contraposição do que socialmente se apresenta sobre PCD: o sujeito digno de pena e compaixão. Porém é uma banditagem que se constrói no lirismo, cômico e pitoresco, por exemplo, ao assaltar com uma pistola de brinquedo conveniências para garantir comida e guloseimas para seguirem sua viagem.

---

<sup>4</sup> Para conhecer mais detalhes da narrativa e do processo de produção/filmagem do filme, há disponível a entrevista: <https://www.terra.com.br/diversao/videos/confira-entrevista-com-protagonistas-do-filme-colegas,462804.html> Acesso em 04 abr. 2023.

É notório a busca por uma humanização da pessoa com síndrome de Down que não caia num velho dicotomismo que cerceia as possibilidades de entendimento deste sujeito multidimensional: o herói ou a vítima (SILVA; COVALESKI, 2018, p. 282).

O filme se vale de posturas estigmatizantes para provocar reflexões. Uma delas busca problematizar a infantilização a que pessoas com deficiência são submetidas nas suas relações sociais. Em *Colegas*, policiais e jornalistas (ambos em posições de poder) referem-se às pessoas com síndrome de Down ora como crianças, ora como “mongol”. Romeu Sasaki (2003) aposta na linguagem como elemento de inclusão, uma vez que, através dela se expressa, de forma intencional ou não, o respeito ou a discriminação em relação a diversidade das pessoas com deficiências. Durante as buscas pelo grupo já na Argentina, há a veiculação de uma manchete em jornal impresso com a seguinte expressão: “*Los niños con síndrome de Down son buscados*”. Também ocorre a cena de um programa de televisão repercutindo as buscas pelo “grupo perigoso que plantava o caos por onde passavam”<sup>5</sup>, para tal se utiliza de uma criança com síndrome de Down numa posição de um objeto/”extraterrestre” numa redoma de vidro sendo analisado/entrevistado, são uma denúncias que se faz contra a estigmatização social operada com apoio dos meios de comunicação. Num exercício reflexivo outro (COLLAR BERNI; MALDONADO, 2023), quando buscamos observar de que maneira o jornalismo se vale para representar pessoas com SD como protagonistas de suas produções, nos deparamos: o capacitismo<sup>6</sup>, a substituição das vozes Downs por seus “responsáveis”; e espetacularização do heroísmo.

Reconhecendo os processos midiáticos como espaço de produção e reprodução de conotações valorativas sobre o mundo, de identidade e representação, tensionamos seus atravessamentos na construção do Outro(a), no nosso caso específico, o *Outro(a) Down*. Daí o exercício de perceber modos operativos que os meios de comunicação se valem ou valerem para representar o corpo deficiente em suas produções. É evidente que ao buscar uma peça fílmica protagonizada por pessoas com síndrome de Down, temos intenção de mergulhar em perspectivas emancipatórias de trato para com esse grupo. Fato que nos

---

<sup>5</sup> Retórica trabalhada no filme.

<sup>6</sup> É o preconceito social contra pessoas com deficiência. O pensamento que dá sustentação a essa discriminação reporta a uma convenção de que pessoas com deficiência são inferiores às pessoas sem deficiência, pelo fato de não corresponderem a uma concepção corporal, produtivista e comportamental tida como padrão.

leva a uma outra questão: a inserção de profissionais com deficiência dentro das instituições de comunicação é um passo importante para a inclusão e representações outras desse grupo em produções comunicacionais, o que revela a multidimensionalidade que a cidadania comunicativa abarca. Neste espaço, priorizamos refletir uma delas: desde os processos de construção do Outro(a).

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. Rio de Janeiro: Texto e Grafia. 2010.

COLEGAS. Direção de Marcelo Galvão. [S.I.]: Gatacine, 2013. (103 min.), son., color.

COLLAR BERNI, Felipe; MALDONADO, Alberto Efendy. “Conta a mãe”, “explica a irmã”, “disse o pai”: a fala Down negada no jornalismo. **Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**. No prelo 2023.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 8, n. 1, p. 5-15. 2006.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: Wva, 2003.

SILVA, Keliny Cláudia da; COVALESKI, Rogério Luiz. Convocações e deslocamentos da diferença: o corpo com deficiência na publicidade. **Contemporanea: comunicação e cultura**, Salvador, v. 16, n.1, pp. 274-289, 2018.

SKLIAR, Carlos. A Invenção e a Exclusão da Alteridade "deficiente" a partir dos Significados da Normalidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 24, n. 2, 2015.